A FUNÇÃO DO PROFESSOR NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E NA LITERATURA INFANTIL

LAUDENIZ PINTO RIBEIRO

RESUMO

Neste artigo, será analisada a função do educador dentro do contexto da literatura infantil, apresentando-o como um dos principais agentes da promoção da leitura, e sua importância neste sentido. No início da aprendizagem, o papel do professor não é somente transmitir conhecimentos, mas também criar. Conduzir a criança a perceber a importância da leitura no seu dia a dia, contribuindo para que ela se desenvolva em todos os aspectos de sua vida.

Palavras-Chave: Literatura; Literatura infantil; Desenvolvimento infantil; Educador; O papel do professor.

INTRODUÇÃO

De acordo com vários estudiosos, entre eles Faria (2010), contar histórias é um valioso auxiliar na prática pedagógica e é importante ressaltar o quanto se faz necessária a adoção desse o hábito para com nossas crianças, tanto no âmbito familiar como no escolar. Se na escola o ato de contar histórias for realizado sistematicamente pelos docentes serão fornecidos automaticamente aos ouvintes diversos elementos para que percebam o mundo deforma muito mais ampla e irrestrita.

Assim, a arte de contar histórias se apresenta como um convite ao jogo simbólico, ao imaginário, à fruição estética e como um incentivo à leitura. Como atividade por si mesma, essa nunca é vista como suficiente e, portanto, não é valorizada pela escola, a não ser na educação infantil.

Dessa forma, a literatura infantil torna-se imprescindível na educação. Os professores das séries iniciais precisam trabalhar diariamente com a literatura, visto que é um material indispensável que aflora a criatividade e desperta a veia artística da criança. Segundo Pires (2001, p. 28), "Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de coleção de sentimentos e emoções que favorecem a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão".

Assim sendo, o objetivo do presente trabalho é demonstrar a relevância da literatura infantil no desenvolvimento pleno da criança e na formação do leitor, particularmente da contação de histórias, bem como do papel do educador na formação de novos leitores.

Na elaboração do trabalho, optou por utilizar a Revisão Bibliográfica, com o intuito de identificar as diferentes teorias referentes ao assunto, pesquisando-se em livros, revistas, artigos, monografias e teses, e sites que tratam sobre o assunto.

PROFESSOR: PRINCIPAL AGENTE DA PROMOÇÃO DO HÁBITO DA LEITURA

Diversidade nos tipos de textos, incentivo ao letramento, criatividade, imaginação, são alguns fatores que a Literatura Infantil precisa priorizar. Saraiva (2001, p. 81), com o objetivo de fazer associações entre literatura e alfabetização, salienta que "O domínio da leitura é uma experiência tão importante na vida da criança, que determina o modo como ela irá perceber a escola e a aprendizagem em geral".

Com base nesses pressupostos, é possível supor que é primordial e necessário que o processo de leitura seja iniciado desde a mais tenra idade e se torne contínuo no decorrer da vida de cada ser humano. Ressalta-se então aqui a figura fundamental do professor, que por diversas vezes tem falhado neste sentido. Para muitos alunos, o contato com a literatura surge sem planejamento por parte do docente. Apenas são contadas histórias, quando "sobra um tempinho", ou, sem nenhuma contextualização com o tema que está sendo estudado no momento.

Para diversas crianças, a escola é um dos únicos locais que oferece esse vínculo com a literatura e, até mesmo, com o universo da leitura e da escrita. De acordo com Britto (2005, p. 92), "A leitura é mais que uma atitude, é uma forma de conhecimento e de inserção social que se articula com outros conhecimentos e expressões de cultura". Assim sendo, é papel do educador selecionar textos e histórias que atendam às necessidades apresentadas pelos alunos, tendo a Literatura Infantil como parceira no processo de ensino-aprendizagem, visto que sabemos que os livros são um recurso pedagógico importante nas séries iniciais.

O trabalho com a Literatura Infantil precisa ser um momento de prazer para o educando. Ela não pode ser apresentada apenas com objetivos específicos, que fazem parte do conteúdo a ser desenvolvido, isto é, com propósitos unicamente pedagógicos. Não podemos esquecer que as histórias despertam momentos únicos e mágicos em cada ouvinte ou leitor. É por meio das histórias que a criança projeta o seu próprio mundo, e ao representá-lo, ela encontra formas de exprimir o que sente, o que pensa. Nesse sentido, é possível afirmar que a escola e a Literatura são de cunho formativo, isto é, estão

direcionadas à formação do sujeito. Porém, conforme nos alerta Carvalho (1987, p. 18):

O problema está em saber escolher o que se oferece a essas criaturinhas. E então sentimos a grande e imprescindível necessidade de conhecer a Literatura que se identifica com a criança e desperta sua curiosidade estética, sua vida artística.

Muitas vezes, a literatura surge com uma simples narração de um livro, não existe encantamento, nem entusiasmo. Por outro lado, existem aqueles que admitem a relevância da literatura, no entanto, não possuem recursos e estímulos na escola para desenvolver um trabalho de qualidade aos alunos. Na opinião de Saraiva (2001), o educador precisa fazer uso de critérios visando assegurar uma boa seleção de livros para crianças. Para ela, "é necessário que o professor esteja munido de conhecimentos teóricos sobre a importância e a função da literatura infantil na formação da criança" (p. 75).

A Literatura Infantil como ferramenta no processo de alfabetização é uma excelente estratégia que pode ser utilizada pelo educador objetivando a formação do educando, ampliando dessa forma os seus conhecimentos e tornando o caminho da alfabetização mais prazeroso e significativo, valorizando o conhecimento que ela já tem, aumentando as práticas de letramento, que são construídas diariamente. Diante disso, segundo Saraiva (2001, p. 20):

A situação do professor é de vital importância, uma vez que dele depende a instauração de nova mentalidade frente ao texto literário que vise à exploração de seu caráter formativo e exótico. Critérios que orientem a seleção de textos adequados ao crescimento intelectual e humano dos receptores; métodos aptos a privilegiar o ludismo e os espaços de indeterminação dos textos, bem com atividades incentivadoras de manifestações criativas são essenciais para que o professor legitime o texto literário como fundamento de sua prática alfabetizadora, que é também formadora.

Um dos principais objetivos da Literatura Infantil dentro do contexto escolar é a promoção da leitura. Nessa direção, Costa (2008) ressalta que, na atualidade, os educadores, além de técnicas de alfabetização precisam buscar novas formas de estimular a leitura. Assim sendo, o educador é um dos principais agentes da promoção da leitura. No entanto, a autora ainda adverte o fato de que são raros os educadores leitores eficazes, porém, conforme ela "a inexistência da atividade da leitura não se limita aos docentes" (p. 48).

Nessa perspectiva, o educador deve estar capacitado e preparado para fomentar em sala de aula, através de leituras variadas, debates que levem os educandos à formação de vínculos com outras realidades, possibilitando dessa forma, a consolidação do real sentido do que está sendo lido, em conformidade do que afirma Stübie (1997 apud DE PAULA & SILVEIRA, 2016, p. 22): "Na escola, a leitura possui o papel de desacomodar o estudante, despertar-lhe o senso crítico, romper com a alienação (...) uma vez que ler não é somente decodificar signos gráficos".

Assim sendo, vale evidenciar a assertiva de que o educador precisa selecionar distintos tipos de textos, literários ou não, que retratem a vida da sociedade na qual os educandos fazem parte, bem como de outras sociedades, locais e tempos, as diversas opiniões, incentivando debates, reflexões e confrontos entre os educandos. Aí entra a contação de histórias.

O PROFESSOR CONTADOR DE HISTÓRIAS

O professor tem um papel muito importante diante da possibilidade de enriquecer o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Ele deve reconstruir e organizar suas atividades para possibilitar-lhes ricas experiências, ajustadas às condições do nosso mundo contemporâneo. Assim, o professor pode alcançar diversos objetivos ao adotar o hábito de contar histórias, mas para isso, ele deve saber para quem, quando, o que e como contar. Deve perceber se as histórias estão instruindo, comovendo e agradando seus ouvintes. Deve criar formas significativas e expressivas de comunicação com a criança através do ato de contar, ler e de ouvir histórias, possibilitando que ela encontre significados para sua própria existência.

O professor precisa incluir em seu planejamento períodos dedicados à contação de histórias, traçando os passos iniciais no espaço escolar, incentivando, aguçando a curiosidade das crianças e contribuindo para desenvolver o hábito da leitura. Conforme diversos pesquisadores do assunto, a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode contribuir significativamente a prática pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental (OTTE & KOVÁCS, 2016).

Na visão de Magdaleno (2002), na atualidade, é dever do educador assegurar o direito das crianças de usufruir dos prazeres que as histórias proporcionam e, para isso, é necessário primeiramente criar o hábito de contar histórias e o gosto pela leitura. Se o educador for um profissional comprometido com qualidade da leitura, certamente estará colaborando para formar um indivíduo mais consciente na luta pela transformação da sociedade.

O professor precisa valorizar o conceito de que a criança quando ouve histórias que são do seu interesse, instantaneamente começa a fazer associações e relações destas com fatos e situações cotidianas. O ato

de contar histórias possibilita que a criança tenha uma maior e melhor compreensão do mundo, facilitando e proporcionando o desempenho de papéis sociais de forma crítica e autônoma.

Ao contar histórias, durante sua prática educativa, o educador deve atuar como um agente formador de alunos leitores, proporcionando e permitindo que eles se tornem sujeitos ativos e responsáveis pela construção de seus conhecimentos. Assim, ao contar histórias deve "fazer uma leitura" expressiva e envolvente para estimular na criança a espontaneidade, o encantamento e o gosto pela leitura.

Machado (2001) afirmou que existem dois fatores que levam uma criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso, é fundamental o adulto mostrar interesse.

Conforme Abramovich (2008), o ato de escutar histórias é o início para se tornar um leitor. Proporcionar essa atividade ao educando significa capacitá-lo para desenvolver todas as suas potencialidades.

Ao escutar histórias, a criança desenvolve processos internos que favorecem a narração, alfabetização e letramento, além de competências relativas ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e fazer uso de verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras e construção textual. A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários. Mesmo não sabendo ler convencionalmente a criança o faz através da escuta da história, embora não possa decifrar todas as palavras. Escutar uma história já é uma forma de leitura, por isso é preciso todo o cuidado com a didática utilizada na narração: a estrutura deve ser previsível para a criança, de linguagem fácil, com gravuras e possibilidade de explorá-las posteriormente de modo lúdico (SOUZA & BERNARDINO, 2016).

TÉCNICAS E RECURSOS UTILIZADOS NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS

Ao contar histórias, o professor tem a possibilidade de variar na escolha de recursos que, mesmo que não seja um exímio contador de histórias, facilitarão e o transformarão em um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o texto às crianças.

Para a contação da história, o educador/contador precisa de variedade de material (contos, fábulas, lendas, poemas, adivinhas, gibis, etc.) apropriados para cada faixa etária. Dentre toda a diversidade de material disponível, vários autores enfatizam que o livro é o recurso mais importante de todos. Os livros além de possuírem diversos estilos narrativos, também possuem uma gama de materiais e recursos utilizados (livros de plástico, tecidos, musicais). O professor pode fazer uso de contos modernos, que são narrativas desenvolvidas por autores atuais que apresentam uma renovação desse universo, abordando o dia a dia das crianças, desde as situações mais comuns até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos atuais. A literatura educa por meio dos contos e histórias moralizantes tradicionais que ainda existem em livros didáticos e alguns livros de crianças, embora estejam ocultos às vezes. O livro de imagens é outro recurso, que traz histórias narradas através de imagens, não fazendo uso do texto verbal. O livro deve ser um objeto associado ao prazer e a criança deve compreender que o livro é um passaporte para o ilimitado mundo da ficção ou da realidade (SOUZA & BERNARDINO, 2016).

Conforme Souza e Bernardino (2016), diversos aspectos precisam ser levados em conta para o êxito da contação de histórias em sala de aula, tais como:

> local apropriado, expressões e gestos usados pelo contador, de modo a imitar os personagens; o ambiente precisa ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas, com crianças agrupadas; pode-se criar um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens; dedoches e fantoches de mão, de dedo ou vara são ótimos recursos, além de estimularem a imaginação e a linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos (p. 244).

Ainda segundo as autoras acima, os bonecos atraem as crianças dando-lhes prazer de dar vida e voz a eles; o fantoche possibilita a superação da timidez que dificulta a comunicação e exprimir sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no universo sonoro. Trata-se de um ótimo recurso que permite que os educadores abordem assuntos do conteúdo programático, tornando a aula mais rica. A música é capaz de mudar o comportamento estimulando que a criança realize atividades de forma prazerosa. São inúmeras as músicas infantis que podem ser trabalhadas nas distintas modalidades e estratégias educacionais. A educação se torna mais forte quando se alia às emoções, expressão oral e expressão plástica.

Abramovich ainda afirma que, para se contar bem uma história é necessário possuir habilidade, treino e conhecimento técnico do trabalho, uma vez que os valores artísticos, linguísticos e educativos dependem da arte do narrador.

A dramatização é uma das melhores atividades de enriquecimento da contação de histórias, pois além de ser uma das preferidas pelas crianças, oferece valores imprescindíveis ao desenvolvimento de um bom programa de literatura.

Para Abramovich (2008), o professor/contador precisa ter alguns cuidados:

1. Saber escolher o que vai contar, considerando o público e o objetivo;

2. Conhecer minuciosamente a história a ser contada;

3. Planejar o começo e fim da contação e narrá-la no ritmo e tempo adequados;

4. Evitar descrições muito grandes e com muitos detalhes, contribuindo com o imaginário da criança;

5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, conduzindo-a para o contato com o livro e, consequentemente, o ato de ler.

Abramovich ainda afirma que, para se contar bem uma história é necessário possuir habilidade, treino e conhecimento técnico do trabalho, uma vez que os valores artísticos, linguísticos e educativos dependem da arte do narrador.

O professor precisa descobrir os motivos para contar histórias, para quem contá-las e em qual contexto. Salientamos a importância de o contador estar sensibilizado com a narração: é necessário haver identificação entre o contador e o conto. A partir do momento em que a história estiver selecionada, o próximo passo é estudá-la, a fim de saber quais suas intenções e objetivos.

Quando possível, deve-se levar as crianças a participarem da contação. A energia delas deve ser conduzida e aproveitada no contexto da história, deixando os educandos encarregados de tocar uma buzina, do latido de um cão ou de outra onomatopeia. Isso irá convidar a criança a interagir e ser uma ouvinte ativa e não passiva (SOUZA & BERNARDINO, 2016).

Segundo Souza e Bernardino (2016), é muito relevante ler a história antes de contá-la, a fim de verificar do que ela trata, se é engraçada, triste, e qual a melhor entonação a ser usada. Narrar não é uma ação simples e banal. Trata-se de uma arte que exige preparo do contador.

Para Abramovich (2008), o horário apropriado para contação de histórias é antes do recreio ou almoço ou no final do dia, visto que as crianças estão relaxadas, para pensar a respeito da história.

No que se refere ao espaço físico, a autora propõe ambientes fechados, como é o caso da sala de aula, que evitam a dispersão. O ideal é gerar um ambiente aconchegante e de proximidade dispondo as crianças em círculo.

O leitor infantil pode ser muito facilmente envolvido pelo momento de ouvir a história, desde que este momento seja bem conduzido. Pensando nisso, para narrar a história de forma sedutora, prazerosa e envolvente, o contador precisa ser apaixonado pelo mundo do faz-de-conta, pois estar comprometido afetivamente com a narrativa é ponto principal, isso porque a história precisa ser contada com sentimento, entrega e partilha.

Assim sendo, é imprescindível que o educador esteja ciente dos benefícios da contação de histórias sobre o desenvolvimento infantil e que consiga utilizá-los adequadamente em sala de aula como instrumento interdisciplinar e potencializador dos conteúdos a serem trabalhados. Além disso, as histórias devem ser vistas como um manancial de conhecimento, prazer e emoção, onde o lúdico se torna o fio condutor no incentivo à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar por fim, que devemos conseguir que a criança da Educação Infantil esteja preparada para a aprendizagem da leitura e, ao mesmo tempo, chegue à escola primária com o gosto pelos livros e pela escrita, deve ser o nosso objetivo, que embora, seja muito ambicioso, faz-se necessário.

A literatura infantil conduz a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de modo prazeroso e significativo.

É preciso formar o aprendizado da leitura, pouco a pouco, até que o leitor construa suas preferências e passe a ler não como uma obrigação, mas uma aventura, pois o hábito da leitura não é uma questão genética, mas um ensinamento.

Em sala de aula, os momentos direcionados à literatura infantil devem ser prazerosos para garantirem o desenvolvimento do educando como leitor autônomo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 2008.

ARROYO, L. Literatura infantil brasileira. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

BRITTO, L. P. L Letramento no Brasil. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2005.

CABRAL, M. S. A criança e a literatura: as amarras de quem está começando. Dissertação de mestrado (Educação). Pontifícia Universidade Católica - PUC. Rio de Janeiro, 2005.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, B. V. de. A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica. 5ª ed. São Paulo: Global, 1987.

CAVALCANTI, J. Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivencias na ação pedagógica. 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COELHO, N. N. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 6ª ed. São Paulo: Moderna, 2001.

COSTA, M. M. da. Literatura, Leitura e Aprendizagem. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G E. Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, M. A. A. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2004.

DE PAULA, E.; SILVEIRA, J. L. G. A importância da leitura na educação infantil e séries iniciais como instrumento de informação, aprendizagem e lazer. Disponível em: <http://espejos.unesco.org.uy/simplac2002/Ponencias/SIMPLAC/ SL028.doc>. Acesso em 10 jan. 2021

MICHAELIS DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 10 jan. 2021

MOURA, F. Literando. Instituto de Educação Moral. Reconstruir: a revista do educador, v.7, n.59, 17 jul. 2007. Disponível em <http://www.educacaomoral.org.br/ reconstruir/literando_edição-59.htm>. Acesso em 10 jan. 2021

FARIA, M. A. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FRITZEN, C.; MOREIRA, J. Educação e Arte: as linguagens artísticas da formação humana. 2ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2011.

GÓES, L. P. Introdução à Literatura para crianças e Jovens. São Paulo: Paulinas, 2010.

HOFFMAN, M. C. A importância da leitura no desenvolvimento infantil. Revista Family and friends, n. 8, janeiro 2008.

JESUALDO, A literatura infantil. Trad. James Machado. São Paulo: Cultrix, 1982.

JOSÉ, E. Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. Um Brasil para Crianças - Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores, textos. 3ª ed. São Paulo: Global Universitária, 1985.

LEMOS, A. C.; ALMEIDA, A. Professor e Contador, herança de um mesmo lugar? Revista Construir, 2011.

LEWIS, R. Histórias que as crianças guardam. In: SIMPKINSON, C.; SIMPKINSON, A, (org.). Histórias Sagradas – Uma exaltação do poder de cura e transformação. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LOBATO, M. A Barca de Gleyre. 1º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1951.

MACHADO, J. A leitura e a escrita como prazer pessoal e como problema social. Criciúma: UNESC, 2004.

MAGDALENO, A. B.. Por encanto, contando contos, histórias de um projeto de trabalho. In: OSTETTO, L. E. (Org.). Encontros e Encantamentos na Educação Infantil. São Paulo: Papirus, 2002.

MAINARDES, R. C. M. A Arte de Contar Histórias: Uma Estratégia para a Formação de Leitores. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/ portals/pde/arquivos/338-4.pdf>. Acesso em 10 jan. 2021

MEIRELLES, C. Problemas da Literatura Infantil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

OLIVEIRA, M. A. de. Leitura Prazer - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. 6ª ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

OTTE, M. W.; KOVÁCS, A. A Magia de Contar Histórias. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-02.pdf>. Acesso em 10 jan. 2021

PIRES, D. H. O. Livro... Eterno Livro... In: Releitura. Belo Horizonte: março de 2001.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (Org.). Porque escrever é fazer histórias: revelações, subversões e superações. Campinas: Alínes, 2007.

RIBEIRO, D. M. C. Contribuições da Literatura Infantil no cotidiano da sala de aula. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas-SP, 2006.

RIBEIRO, J. U. Ouvidos Dourados: a arte de ouvir histórias (..para depois contá-las...). 6ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

SARAIVA, J. A. Literatura e Alfabetização: do Plano do Choro ao Plano da Ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, D. D. A importância da leitura nas séries iniciais. Disponível em: <http://blogwilsonleite.blogspot.com/2009/09/importancia-da-leitura-nas-series.html>. Acesso em 10 jan. 2021

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino

Fundamental. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/4643/4891>. Acesso em 10 jan. 2021.

TAHAN, M. A arte de ler e contar histórias. 5ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.